

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,5000 reis. Numero avulso, 100 reis.

*Administrador e editor:* **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Mgr. José Macchi  
NUNCIO DE S. SANTIDADE EM LISBOA

SUMMARIO

Texto

Mgr. José Macchi, Arcebispo de Thessalonica e Nuncio de S. Santidade em Lisboa (perfil).  
 Chronica Quinzenal, por P.  
 Secção piedosa:—Indicador religioso da quinzena; Evangelho; A educação, por M. M.  
 Questões actuaes:—A censura previa, pelo Dr. Assumpção.  
 Varia:—Fruetos da moral laica, pelo Dr. S. G.  
 Secção de controversia:—A orientação scientifica, pelo dr. A. J. d'A. C. Lemos Ferreira.

As nossas gravuras.  
 Secção poetica:—Invenções (soneto) por Alves d'Almeida.  
 Boletim scientifico:—O ar liquido, pelo Dr.\*\*\*  
 Retrospecto da Quinzena.

Gravuras

Mgr. José Macchi.  
 Mosteiro dos Jeronymos em Belem.  
 Cathedral d'Otranto—Italia.

# Mgr. José Macchi

Arcebispo de Tessalonica e Nuncio de S. Santidade em Lisboa

Commemorando o 25.º anno do Episcopado do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. José Macchi, Arcebispo de Thessalonica e Nuncio Apostolico em Lisboa, que passou no dia 14 de março, publicamos o seu retrato, acompanhando-o dos seus traços biographicos.

Monsenhor D. José Macchi nasceu em Palestrina (Roma) no dia 10 de julho de 1845.

Concluidos com louvor os estudos primarios e secundarios no Seminario Diocesano, fez os cursos superiores no Seminario Pontificio Pio em Roma, onde se formou em theologia e *in utroque jure*.

Voltando para sua terra natal, foi por alguns annos Conego-Parocho da Basilica-Cathedral de Palestrina, e por algum tempo foi tambem professor de theologia moral n'esse Seminario; ahi fundou a Sociedade Catholica: distinguuiu-se como orador sagrado e compilou, na qualidade de Notario Apostolico, alguns processos de beatificação e canonisação.

Tomou tambem parte nos congressos catholicos italianos, tendo sido muitas vezes nomeado Secretario da Secção para os estudos.

Em 1880 foi nomeado Bispo titular de Gádara, Auxiliar e Vigario Geral do Em.<sup>mo</sup> Cardeal de Luca, de feliz memoria, e em seguida do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Oreglia de Santo Stefano, actual Deão do Sacro Collegio, no qual cargo coadjuvou pelo espaço de nove annos os sobreditos purpurados no governo e visita d'aquella Diocese suburbicaria.

Em 1889 foi promovido a Arcebispo titular de Amásea e nomeado Delegado Apostolico e Enviado

Extraordinario junto ás Republicas do Equador, Bolivia e Perú, onde permaneceu cerca de nove annos, esforçando-se por conservar a paz entre o Estado e a Igreja.

E' digna de especial menção a convenção estipulada com o governo de Quito, como appendice á Concordata, pela substituição dos dizimos, conciliando entre si os interesses oppostos da Igreja, do fisco e dos proprietarios.

Escreveu tambem, em occasiões opportunas, diversos opusculos, como as Apologias da auctoridade do Papa perante as leis Indo-Peruanas, da Diplomacia Pontificia, das Ordens Religiosas, etc., etc.

Além d'isto, a sua intervenção, sempre com exito feliz, nos conflictos internacionaes suscitados entre o Perú e o Equador, e entre o Perú e a Bolivia, e ainda mais na sangrenta guerra civil que enlutou o Perú em 1895, — durante a qual esteve por tres vezes em grave perigo de ser victima dos tiros que partiam das barricadas, emquanto ia d'um campo a outro, entre cadaveres e feridos, tratando da paz, — tornou n'aquellas paragens lembrados e venerados o nome e a pessoa de Monsenhor Macchi.

Além dos agradecimentos officiaes que, por occasião d'esta ultima intervenção, recebeu dos municipios, da capital e de todas as outras provincias do Perú, a cidade de Araquipa mandou-lhe cunhar uma Medalha de Ouro, e as senhoras de Lima offereceram-lhe uma riquissima Cruz de brilhantes.

No anno anterior de 1894 foi fazer uma visita ao

Chile, onde o receberam com festas verdadeiramente imponentes e onde, em poucos dias, conseguiu reatar as relações diplomaticas entre a Santa Sé e aquella Nação, interrompidas desde 1878, harmonizando tambem varias questões graves e delicadas, referentes ao clero.

Em 1897, mudado o titulo primitivo no de Arcebispo de Thessalonica, foi promovido a Internuncio e depois a Nuncio Apostolico no Brazil, onde por mandato Pontificio erigiu duas novas Dioceses, e muito contribuiu para a reconstituição das antigas Ordens Religiosas, defendendo-lhes, e regulando-as claramente por um *Memorandum* ao governo e com os pareceres dos mais distinctos jurisconsultos do paiz, a actual situação juridica perante a Constituição vigente.

Nomeado em agosto de 1902 Nuncio Apostolico na Baviera, favoreceu muitissimo as instituições catholicas ahi tão florescentes, e reprimiu as tentativas dos chamados *Reformistas*.

Ao retirar-se para vir para Portugal, recebeu d'aquelle governo a Gran-Cruz da Ordem da Corôa.

Chegou a Lisboa no dia 26 do mesmo mez e apresentou as suas credenciaes no dia 1.º de março, e desde então vem gosando as mais justas sympathias no nosso paiz.

Reiteramos as nossas felicitações a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, esperando renova-las *ad multos annos*.



## Chronica Quinzenal

A' excelsa Rainha de Inglaterra, succede na visita á côrte portugueza o grande arbitro militar da Europa, o Imperador Guilherme II de Allemanha, no dia 27 ultimo.

Assim que o «Hamburg» amarrou, foram a seu bordo dar as boas vindas ao Imperador, S. M. El Rei, o Principe Real, Infante D. Affonso, ministros da marinha, estrangeiros e da Allemanha, consul e vice-consul d'este paiz, os agentes da Hamburg Amerika Linie, a que pertence o navio, commandante da divisão naval de reserva, auctoridades da armada e os dignitarios que El-Rei D. Carlos nomeou para ficarem ás ordens do Imperador, sre. conde de Tarouca, conselheiro Guilherme Capello e major Garcia Guerreiro.

A' partida do nosso monarcha do Arsenal de Marinha, a bordo do bergantim real, os navios de guerra salvaram novamente.

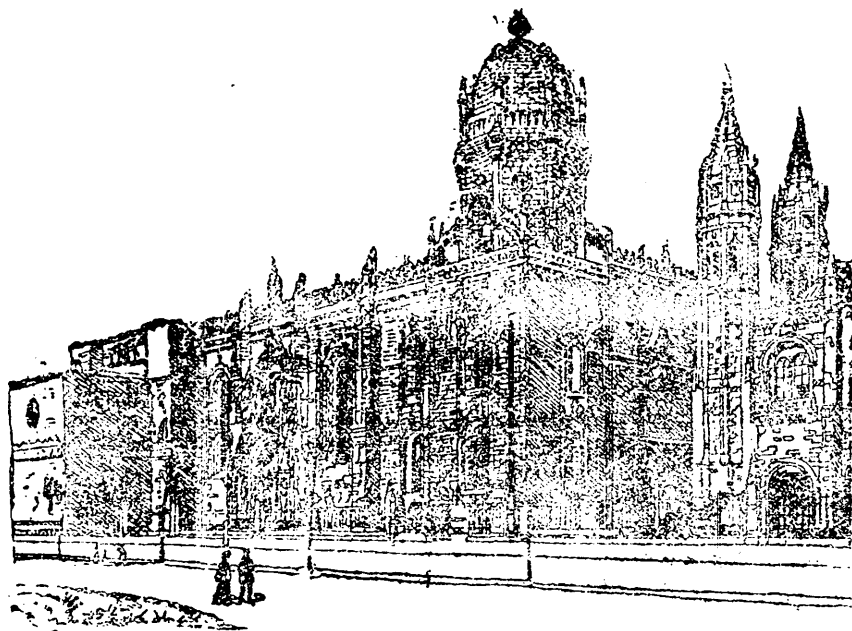
Trocados os cumprimentos a bordo do «Hamburg» e feitas algumas apresentações, effectuou-se o desembarque, troando outra vez a artilheria e a marinhagem e prestando as honras da ordenança.

Cortejo fluvial identico ao do desembarque da rainha de Inglaterra foi tambem organizado até ao Caes das Columnas, produzindo lindissimo effeito, para o que muito contribuiu o bello dia primaveril que fazia.

Eram 4 horas e dez minutos.

No pavilhão do Terreiro do Paço, cujos emblemas e bandeiras inglezas tinham sido substituidos por outros germanicos, aguardavam o Imperador Guilherme, toda a cava civil e militar de El-Rei, conselho do Estado, ministerio, camara municipal, com o seu estandarte, officialidade superior de mar e de terra e officiaes subalternos do exercito e da armada, um por cada classe e arma.

O Imperador Guilherme, Sua Magestade El-Rei e Sua Alteza o Principe Real, logo depois de desembarcarem, subiram para o pavilhão, onde receberam os cumprimentos de todas as pessoas que eram ali introduzidas pelo sre. conde de Figueiró, coadjuvado pelos snrs. condes de Mesquitella e de S. Lourenço, D. Luiz de Souza Holstein.



MOSTEIRO DOS JERONYMOS EM BELEM

O sr. presidente da camara municipal leu uma allocação de boas vindas.

O Imperador Guilherme vinha fardado com uniforme de coronel commandante honorario do regimento de cavallaria 4. Sua magestade e o sr. Infante D. Affonso trajavam os uniformes de officiaes honorarios de infantaria 24 do exercito allemão.

No caes das Columnas estava tambem a colonia allemã em Lisboa e parte da que reside no Porto, que saudou calorosamente o seu soberano.

Terminados os cumprimentos organisou-se o cortejo no qual figuraram os coches que serviram pela visita do rei de Hespanha.

A' frente, abrindo caminho, a cavallaria da guarda municipal na sua maxima força, approximadamente 300 praças.

Seguiam-se quatro batedores da casa real com as librés de gala e os coches na seguinte ordem:

1.º coche, de D. Pedro II, conduzindo os snrs. major barão de Senden, dr. Ilberg, major Antonio Waddington e capitão Francisco Serpa.

No 2.º, coche de D. Affonso VI, os srs. conselheiro de Valentini, major de Friedelburg, conde de Arnoso e major Garcia Guerreiro.

No 3.º, coche de D. Filippe III, os srs. general de Scholl, almirante de Muller, capitão de fragata D. Fernando Serpa, coronel Antonio Costa.

No 4.º, coche de D. Francisco, os srs. general conde de Hulsen, mr. de Schoen, almirante Guilherme Capello, marquez-barão de Alvito.

No 5.º, coche de D. Marianna de Austria, os srs. general de Plessen, almirante barão de Senden, condes de Tarouca e de Figueiró.

No 6.º, coche de D. José I, os srs. condes de Euienburg e de Sabugosa.

No 7.º, coche de D. Fernando, suas altezas o principe real e infante D. Affonso.

No ultimo coche, de D. João V, Suas Magestades o Imperador da Allemanha e El Rei D. Carlos.

Fechava o cortejo a brigada de cavallaria, formada pelos regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4, commandada pelo sr. coronel Mousinho de Albuquerque.

De batedores á carruagem real seguiram tambem até Santos os capitães srs. Sobral e Craveiro Lopes, ajudantes do sr. general Craveiro Lopes.

De Santos até Belem cavalgou á estribeira o commandante da brigada de cavallaria sr. coronel Mousinho de Albuquerque.

O cortejo seguiu o itinerario mais racional e adequado aos trabalhos e despezas que foram feitas nas ornamentações das ruas.

Esse itinerario foi o seguinte:

Terreiro do Paço (lado oriental), ruas do Ouro, do Carmo, Garrett, largo das Duas Igrejas, rua do Alecrim, praça Duque da Terceira, todo o Aterro, rua Fradesso da Silveira, largo do Calvario, rua de S. Joaquim e rua da Junqueira até ao Paço de Belem.

Era incalculavel a multidão que se spinhava n'este trajecto, a qual saudou o Imperador com muita sympathia e carinho.

P.



## Secção piedosa

### Indicador religioso da quinzena

Abril

- 15—Sab. Ss. Basilissa e Anastacia, Mm. Dispensa da abstinencia, satisfazendo as condições do Indulto Apostolico de 28 de março de 1855.
- 16—Dom. de Ramos. Santa Egracia, V. M. portugueza.
- 17—Seg. S. Elias, monge portuguez.
- 18—Terç. S. Gusldino, B.
- 19—Quart. de Trevas. S. Leão IX, P.
- 20—Quint. Maior. Dia santo desde o meio dia. Abstinencia rigorosa.
- 21—Sext. Maior. Dia santo até ao meio dia. Abstinencia rigorosa.
- 22—Sab. de Alleluia. Os Ss. Sotero e Caic, Mm. Abstinencia rigorosa. Não é permittido celebrar-se missa por defunctos.
- 23—Dom. de Paschoa da Resurreição. Fuga de N. Senhora para o Egypto. S. Jorge, M. Defensor do Reino. Não é permittido celebrar missa por defunctos.
- 24—Seg. (abolido) 1.ª oitava. S. Fiel de Sigmaring, M.
- 25—Terç. (ab. li. lo) 2.ª oitava. S. Marcos Evangelista. Ladainhas maiores.
- 26—Quart. S. Pedro de Rates, M. 1.º Bispo de Braga, onde, segundo a tradicção, foi collocado por S. Thiago Apost.
- 27—Quint. S. Tertuliano, B.
- 28—Sext. (Abstinencia de carne) S. Vital, M.
- 29—Sab. in Albis. S. Pedro, M.
- 30—Dom. de Paschoela. Santa Sophia, V. e M.

### Evangelho

(Domingo de Ramos)

N'aquelle tempo, avisinhando-se Jesus com seus discipulos a Jerusalem, logo que chegaram á vista de Bethphagé, aldeia situada ao pé do Monte Olivete, mandou dois discipulos, dizendo lhes: «Ide a essa aldeia que está em frente de vós, e lá achareis uma jumenta preza com o seu jumentinho, desatae-a e trazei-m'os; e se algum vos disser alguma coisa respondei-lhe que o Senhor os ha mistér e logo vel-os deixará trazer».

Tudo isto succedeu para que se cumprisse o que disse o propheta: «Dizei á filha de Sião: Eis aqui o teu Rei que vem a ti manso, montado n'uma jumenta e seu jumentinho, filho da que está accustomeda ao jugo».

Foram, pois, os discipulos e fizeram o que o Senhor lhes mandou; trouxeram a jumenta e o seu jumentinho, pozeram sobre elles seus vestidos e fizeram montar a Jesus. E muitos das turbas estenderam seus vestidos pelo caminho, outros cortavam ramos d'arvores e com elles juncavam o chão por onde havia de passar; e tanto os que iam adeante como os que iam atraz clamavam, dizendo: «Hosanna ao filho de David. Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Hosanna no mais alto dos céus.»

S. Matheus, XXI. 1-9.

### A educação

Há actualmente um grande mal a remover, um gravissimo erro a evitar: imaginar-se, chegar-se até a affirmar que a religião catholica, apostolica, romana é incompativel com a sciencia, quando as descobertas mais scientificas tem sido dos seus membros, os factos mais assignalados, as acções mais heroicas e as conquistas são devidas, não se pode negar, a homens que reverenciaram a cruz e pres-taram submissão á Egreja.

E, hoje, quem dá impulso ás artes e sciencias? não é o

sacerdote catholico, não é o homem de fé? Se quizermos ser sinceros temos de confessaar esta verdade. Há porém entre todos os flagellos que assolam a sociedade moderna um, que é, incontestavelmente, o maior de todos—a falta de educação religiosa nas creanças, sobretudo nas do sexo feminino. Primora-se, e é digno de todo o elogio, em ministrar á creança uma educação scientifica que a faça conhecedora de physica, mathematica, geographia e mil outras cousas que de nada servem se a creança é do sexo feminino e a Providencia a destinou a exercer na sociedade o mais sublime e o mais nobre sacerdocio de esposa e mãe.

Mas causa dó, o coração sangra quando vemos que á creança é negado esse efficacissimo antidoto da educação christã, unico que nos faz vencer com animo sereno e resignado todos os infortunios da sorte, que faz com que a mulher que o possui seja denominada pelos seus superiores e inferiores, como eu conheço algumas, «anjo do lar»; e que é a unica ancora de salvação para a sociedade que vertiginosamente resvala no precipicio.

Eduque-se a creança na divinal religião catholica e o mundo salvar-se-há, deixando de ser cahos onde tudo se confunde, para se perder sem remedio.

A mulher instruida, mas sem educação religiosa, diz-m'o a experiencia, é altiva, arrogante, vaidosa, emfim. E' certo que sabe perfeitamente tomar uma cadeira n'uma sala e n'ella recostada, vendo todos abaixo de si, fallar de musica, litteratura, etc.; mas a sociedade que ainda aprecia o que é bello curva-se respeitosa ante esta entidade, e venera-a-hia se esta mulher espaventosa, junto á instrução litteraria, tivesse uma educação solida, isto é, religiosa, e que em vêz do modo altivo e arrogante se ornasse com o fulgurante manto da modestia e mansidão, unicos enfeites que captivam e attrahem as pessoas sensatas. Eis toda a nobreza da mulher:—virtude e instrução.

A educação, diz um celebre auctor, é a seiva da alma, e com razão, porque a alma sem esta seiva salutar que a vivifica ficará arida e triste, embora n'ella scintilem todas as faculdades buriladas pela educação scientifica. A creança, linda e meiga como as flores do jardim, sorridente e bella como os astros do firmamento, que encantos não tem se logo ao balbuciar o suavissimo nome de mãe lhe ensinam a pronunciar o dulcissimo nome de Deus; se com os rudimentares principios da educação litteraria lhe infiltram n'alma o amor a Deus e ao proximo, com a perfeita submissão á Igreja; se, com as primeiras noções scientificas, lhe incutem n'alma e coração a suave flor da humildade, a odorifera açucena da pureza, a preciosa e perfumada violeta da mansidão e modestia, e todas as virtudes christãs; oh! então, esta creança assim educada, quando attingisse a idade adulta, seria a mulher divinizada a quem se deveria prestar culto e render homenagem. Educação religiosa! eu te venero, eu te respeito. Se no mundo se presta ainda verdadeiro preito á virtude, é a ti que se deve. Se da face da terra ainda não desapareceu de todo a honra, a seriedade e os homens de probidade, deve-se á educação religiosa. Deve-se a ella, ainda, o respeito dos filhos aos paes, o respeito á propriedade alheia e tudo que ainda há de bem n'este mundo. Mas, que infelicidade! se as cadeias regorgitam de criminosos é simplesmente por falta de educação religiosa. Se o anarchismo, o suicidio e o socialismo levantaram bandeiras e já contam tantos adeptos, não faltando até mulheres, que horror! que lhe façam a apologia, é por falta de educação religiosa. Porque será que hoje apparecem tantas creanças já manchadas com o ignobil ferrete do crime, a cumprirem sentenças nas prisões e penitenciarias? Oh! se quizermos confessar a verdade, diremos que é por falta de ensino religioso! Pobres martyres da falta da creença em Deus!

Ao apresentar a cabeça á guilhotina, dizia um infeliz: «não havia de ser eu que satisfizesse esta pena, mas sim minha mãe por me não educar religiosamente».

E como este desgraçado, quantos não poderiam dizer o mesmo?! Que cataclismo medonho se me apresenta á imaginação, se os paes continuam a descurar o unico alicerce solido da sociedade—a educação religiosa! Trabalhem, trabalhem todos em prol da infancia, para que lhe seja ministrada a educação religiosa.

Só assim veremos a sociedade bem ordenada e a paz e felicidade entrar em todos os lares, onde se vertem lagrimas amarissimas devidas á falta de educação religiosa.

Dona M. M.



## Questões actuaes

### A censura previa

A proposito da orientação que alguns jornaes catholicos se propozeram seguir, modelada pelas exigencias e aspirações dos tempos modernos, ventila-se a questão da conveniencia de estabelecer uma censura previa para o que haja de vir a publico nas columnas dos jornaes que se dizem catholicos e das revistas que se propozeram versar as questões religiosas ou que se relacionem com as doutrinas da religião.

Parece-nos acertado o alvitre proposto afim de sustentar desvarios sempre possiveis e até por vezes muito a recear, quando a vehemencia da discussão ou o ardor da convicção religiosa arrasta o escriptor no declive escabroso da exageração ou no pendor que leva ao principio do erro. Decerto que a missão da imprensa catholica não é a de alentar a moderna orientação toda impregnada mais ou menos do positivismo que não tem tempo para se erguer acima do que é terreno ou se prende com os fins proximos e immediatos a que aspira o homem na sua parte inferior. Não é para se conformar com este seculo, mas sim para o reformar que a imprensa catholica lida no desempenho da sua alta missão.

Querer dar á imprensa catholica a mesma orientação que a imprensa profana segue, é rebaixar a dignidade de que a faz revestir a alta missão que a deve nortear. E' urgente imprimir na imprensa que se diz catholica uma orientação mais em harmonia com os ideaes catholicos, sob pena de a ver desvairar e resvallar nas baixessas das especulações mercantis e nas torpesas do interesse particular.

Somos pois de parecer que se estabeleça a censura previa para os jornaes e periodicos catholicos. Parece-nos até, salvo o erro, que tem havido descuido ou esquecimento n'este ponto das leis ecclesiasticas que regulam esta materia. Parece-nos porque

1.º Os editores catholicos e que se presam de o ser, já sabem que não devem publicar qualquer livro sem o submeter primeiramente á aprovação da auctoridade ecclesiastica. Já effectivamente é o que se vê todos os dias; por forma que hoje o livro que versa motivos religiosos atinentes a doutrinas religiosas, ou que se não abonar com a aprovação ecclesiastica, é um livro suspeito, de auctoridade duvidosa, de perigosa leitura.

2.º Pela constituição Apostolica *Officiorum ac munerum* do Santo Padre Leão XIII, Cap. III, n.º 41 do Decreto Geral sobre a publicação e censura de livros, dispõe-se que todos os fies submittam á previa censura ecclesiastica todos os escriptos em geral em que principalmente se falle da religião e da honestidade dos costumes.

Certamente, os jornaes da imprensa catholica estão

comprehendidos nos termos d'este decreto, e por isso não pode a sua publicação isentar-se da disposição da lei.

Se os livros religiosos têm de ser primeiramente censurados para que possam ser publicados, porque o não hade ser também os jornaes e periodicos que versam materias d'egual natureza?

Tem pois de se exercer sobre a chamada imprensa periodica catholica a censura do Prelado ou de quem as suas vezes fizer, para que imprima unidade e uniformidade nas doutrinas e lhe dê a suprema auctoridade que ella de per si não tem, visto que se não ostenta como emissaria do prelado diocesano, e por isso carece de missão legitima e de auctoridade official.

Nem a approvação ecclesiastica convirá ser dada no principio da publicação para todo o sempre, porque d'este modo não se conseguiria uniformisar a imprensa periodica em harmonia com os principios dogmaticos, nem se fecharia a porta para nova desorientação e novos desatinos em pontos doutrinaes.

Portanto, os jornaes e periodicos catholicos devem ser submettidos á previa censura da Egreja, sempre todas as vezes que hajam de ser publicados, quer essa censura seja feita directamente pela auctoridade ecclesiastica, quer indirectamente por pessoa competente delegada d'aquella, o que, certamente, é mais pratico, senão que até será o unico meio exequivel.

DR. ASSUMPÇÃO.



Varia

### Fructos da moral laica

*O Grito do Povo*, apreciavel semanario defensor dos interesses do operariado catholico, proporcionou ha dias aos seus leitores uma excellente lição de coisas, dando-lhes em o número de 25 de março alguns excerpts d'uma correspondencia de Paris para *O Século*, relativos ao julgamento d'uma quadrilha de «larapios anarchistas» realisado no tribunal de Amiens (França), em successivas audiencias, no mês findo.

O chefe do bando, um tal Jacob, que é já hoje uma figura proeminente no meio criminal francês, diversas vezes deixou litteralmente assarapantados os juizes, advogados e jurados do tribunal d'Amiens, pelo aprumo orgulhoso das suas respostas inspiradas na mais pura e elevada philosophia scientifica.

Jacob, o escroc, é um paladino, direi mais, um apostolo das novas doutrinas. Retrógrados que nós somos, não comprehendemos as bellezas nem a utilidade social da sua nobre profissão; mas tempo virá em que a posteridade o vingue, glorificando a sua memoria, e venerando-o como um martyr das ideias sublimes, que um meio ignaro achava subservivas.

Se na nossa profunda adequação ao velho credo não applaudimos, antes combatemos, os processos de Jacob, comprehendemos porém em compensação a logica da sua apologia, e não podemos deixar de fazer justiça ao rigor com que elle adaptou os actos da sua vida aos principios que, bem ou mal, a sua intelligencia acceitou como verdadeiros. Será tudo o quizerem, mas não é um hypocrita!

Dizendo ao tribunal d'Amiens:—«Affirmo o direito ao roubo na lucta pela existencia. E' tam glorioso ser ladrão como ser banqueiro.

Philosophicamente, os srs. juizes não me podem condemnar — Jacob, o larapio intellectualista, está ao abrigo dos seus principios, tem carradas de razão.

No tempo em que as legislações se inspiravam nos preceitos do decalogo e em que a sociedade se orgulhava de

orientar-se pelos principios da moral evangelica, percebia-se que o roubo fôsse um crime, e o ladrão digno de ser sequestrado n'uma cadeia para defêsa da sociedade. Mas agora, em plena florescencia do evolucionismo materialista, e á luz dos principios d'essa philosophia que está orientando o governo da França, com que direito o accusam?

Li ha dias em *L'Univers* um artigo de E. Tavernier, a proposito justamente d'este caso de pathologia social; intitulava-se *La morale laique en Cour d'assises*, e nunca titulo algum me pareceu mais adequado ao assumpto.

Em verdade, o que estava sendo julgado em Amiens não era tanto um larapio, chefe d'uma associação de malfeitores; era antes um systema de moral, esse systema que em França trabalham com afiço por substituir á velha moral do Evangelho, e que estava representado no banco dos réus por um dos seus adeptos mais sinceros e mais logicos.

Como nós temos a incorrigivel mania de vestir pelo figurino francês, e é possivel por isso que queiramos tôlamente importar para cá a *moral laica* que em França se antolha tão fecunda em Jacobs de varios feitios, não será fóra de proposito mostrar aos leitores do *Progresso Catholico*, utilizando os dados que o notavel publicista francês archivou no seu citado artigo, que a questão é em verdade *questão de principios*, e não é de modo algum a causa crime de um homem desvairado. A escola não pôde excommungar o seu adepto, a doutrina não pôde protestar contra a rigorosa applicação dos principios.

Com um *talento* que é dever de justiça reconhecer, Jacob declama n'uma das audiencias esta profissão de fé: —«Sou determinista e creio que a natureza transforma eternamente as suas obras recomeçando-as. Ella cria e destróe, á superficie dos astros, seres minusculos que evoluem como outros tantos atomos no infinito.

«O homem obedece cegamente ás suas leis, porque ella é a causa e o fim de todas as coisas... O individuo não é o que quer ser, mas sim o resultado do meio em que se move. Os meus actos são portanto, pura e simplesmente, resultantes dos vicios das instituições sociaes, e eu não podia proceder de modo diferente do que procedi. E' por isso que encaro serenamente o resultado d'este processo e não tenho a preocupação de desculpar o meu passado de aventureiro.

«Desde que me encontrei de posse da minha consciencia, senti-me inclinado a usar do roubo, não como um impulsivo como são quasi todos os que se assentam n'este banco, mas sim com um sentimento profundo de revolta contra a sociedade burgueza.

«A' semelhança dos naturalistas que classificam em familias os typos do mundo animal, resolvi-me a considerar como inimigos todos os que vivem á farta como parasitas em detrimento dos productores, a saber: os patrões, os fidalgos, os militares, os padres, os magistrados e capitalistas».

Não reproduziria elle accaso fielmente as doutrinas dos mestres?

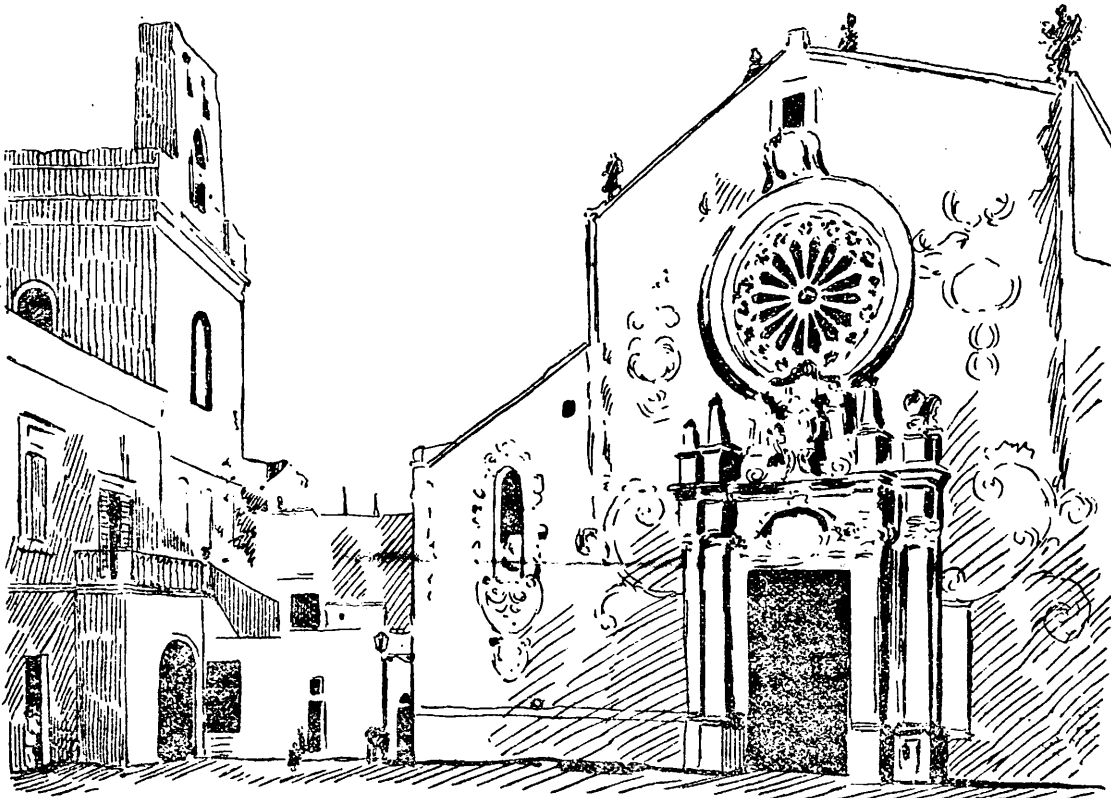
Em 1883 o sr. de Lanessan, então professor de Historia Natural na fauldade de Medicina de Paris, publicou um livro — *O transformismo, evolução da materia e dos seres vivos*, no qual a cada passo, e logo desde o principio da introdução, se proclama que «a Sciencia deu cabo de Deus», procurando esteier tão moralizadora doutrina com toda a casta de provas; no qual se confere ao meio, a esse meio, unico culpado dos maleficios do Jacob, um poder soberano e irresistivel; no qual se afirma que até o nosso «pensamento, como o dos outros animaes, é uma resultante mechanica das acções exercidas sobre elle pelo meio» em que nos encontramos; onde ensina que a vontade e o livre arbitrio não passam de «meras palavras, que não

correspondem a nada de real», de modo que, ao praticarmos um acto que reputamos voluntario, «apenas executamos um acto de que temos consciencia, isto é, cujas causas determinantes e cujas consequencias conhecemos mais ou menos, mas que na realidade se executa *fatalmente*, e não é mais do que a resultante *necessaria* de excitações *exteriores ou interiores* que incidem sobre os elementos anatomicos que entram em jogo na realisação de tal acto».

O sr. de Lanessan subiu da cathedra Universitaria ás cadeiras do parlamento, ao conselho de ministros, e foi governador geral da Indochina-francêsa: é ainda hoje

lyricamente pelo mesmo Clemenceau, reputou-se dispensado de attender á justiça das potencias transitorias d'este mundo em continua transformação.

Jaurés, que é actualmente o verdadeiro chefe de estado francês, discursando na camara dos deputados do seu país, que é o país do Jacob, disse, em applausos delirantes de metade da camara, e approvações conspicuas de boa parte da outra metade: «Se o proprio Deus se apresentasse, sob uma forma palpavel, em face da multidão, o primeiro *dever* do homem seria *recusar-lhe a obediencia* e considerá-lo como um *equal* com quem se discute, e nunca



CATHEDRAL DE OTRANTO — ITALIA

um dos corifeus do bloco anti catholico que governa a Filha Primogenita da Egreja. Pode accusar-se o larapio-philosopho de ter escolhido um mau mestre?

Julio Guésde, chefe d'um dos grupos socialistas francêses, sustenta que o homem é um maquinismo que marcha sob a influencia «do organismo, que elle não fabricou», e da «educação do meio, a respeito do qual é egualmente passivo». Guésde diz em termos formaes que exigir ao homem a responsabilidade seja do que fôr, «é uma tolice».

G. Renard, socialista moderado e livre pensador, ensina egualmente na *Revista Socialista* (novembro de 1897) que «o criminoso é um infeliz que não teve a força ou a intelligencia necessarias para resistir ás seducções do mal, . . . os seus actos são consequencia logica de antecedentes que não dependiam d'elle».

Clemenceau, que não é socialista, mas que como bom livre pensador professa o mesmo credo, falla repetidas vezes no seu livro *La Mêlée Sociale* «na sombria fatalidade que, pelos fortes anneis da sua cadeia, nos prende aos que nos precederam como egualmente prende a nós os nossos vindouros». E' elle que pergunta «se é possivel conceber que um atomo, impellido pela lei propria para a serie de combinações impostas pela attracção mais energica; pare e diga: *escolhi isto*». Jacob, enfiou a carapuça, e considerando «a indifferença sublime das coisas eternas» cantada

como um *senhor* a quem se to'era. N'isto coasiste a *belleza do nosso ensino laico*.

Esta doutrina é ensinada pelos pedagogos officiaes de França. Payot, reitor de lyceu, que prepara para o ensino exercitos de professores que vão doutrinando a mocidade que por seu mal não pode deixar de frequentar as escolas officiaes da sua patria, Payot que já applicou a Deus a phrase de Gambetta «submeter-se ou demittir-se», ainda no anno passado (*Volume*, de agosto de 1904) professava que «a natureza é indifferente aos nossos interesses humanos».

Estes os mestres do benemerito Jacob: d'estes o ensino veiu para as folhas quotidianas, onde nos lazeres do seu officio, entre duas sessões de *campriolage*, o escroc, que manifestamente tem queda para a philosophia social, as leu e assimilou. Releiam a profissão da fé de Jacob na audiencia de Amiens: não ficam com a sensação de já terem lido coisas parecidas em jornaes e revistas, ditas com a maior innocencia d'este mundo?

Concluo com *L'Univers*: «Jacob leu os auctores officiaes que constituiram o meio em que elle se educou. A justiça laica nada pode lançar em rosto a Jacob; este é que, pelo contrario, teria excellentes razões para reclamar uma cadeira de deputado ou um logar de professor».

DR. S. G.



## Secção de controversia

### A orientação scientifica

A orientação scientifica, que domina nas nossas escolas superiores officiaes, salvo rarissimas e honrosas excepções individuaes, é accentuadamente atheista, d'um atheismo systematico e calculado.

A philosophia que a informa é o *positivismo* com todas as suas consequencias e ultimos resultados,

E' essa phisolophia que impera nas escolas superiores portuguezas, nomeadamente no ensino das sciencias physico-naturaes e no ensino medico.

Com tal orientação, sem criterio philosophico e, por consequencia, sem verdadeiro criterio scientifico, porque a metaphysica foi desterrada para as regiões do Inconscivel, e sem ella não ha sciencia, com tal orientação só d'ellas sahem, e só n'ellas se criam, legiões de atheus, de scepticos, de materialistas, de mentalidades completamente desvairadas, replactas de factos, muitas vezes erroneamente interpretados, de theorias e de hypotheses absurdas e phantasticas que acceitam como dogmas irrefractaveis.

N'ellas ensina-se e affirma-se a *eternidade da materia*, e a origem *monista* da vida, com o secreto intuito de eliminar o Creador; n'ellas ensina-se e affirma-se por hostilidade á Igreja a *descendencia animal e sim'ana do homem*, n'ellas, enfim, ensina-se e affirma-se a *evolução lenta e gradual da linguagem*, desde o grito até ao estado de polysyllabica, agglutinante e de flexão, passando pela phase monosyllabica.

Vejamos, succintamente, que valôr têm taes asserções em face dos factos ajoerados da sciencia e do que pensam os grandes e verdadeiros sabios, que, em regra, sendo luminares da sciencia, egualmente illustram os annos da Fé.

A eternidade da materia oppõe-se a sua *inercia*, esta resistencia que offerece á mudança de estado, esta incapacidade de se modificar a si mesma, prova da ausencia d'uma actividade interna, propriedade fundamental da materia formulada n'um principio pelo grande astronomo Kepler, esse sabio que entoava hymnos de admiração e de reconhecimento ao Creador, porque via que os céus contam as glórias de Deus—*cali enarrant gloria Dei*.

Cauchy, o catholico convicto, o mathematico consummado e o physico eminente, fundado no theorema fundamental das *series*, demonstra mathematicamente o absurdo da materia eterna.

O sabio P.<sup>o</sup> Gerdil, baseado em considerações d'ordem geometrica chega a identico resultado. Eis o que vale a primeira affirmacão perante a sciencia, deante do testemunho d'estes luminares do saber humano.

Haeckel, o patriarcha da celebre theoria monista, que faz derivar todos os seres vivos d'uma monera inicial, que origina por um lado o reino vegetal, por outro o animal, incluindo o proprio homem, que fórma o vigesimo segundo grau d'esta differenciação, Haeckel julgou, por um momento, confirmada a sua phantastica theoria com o apparecimento d'uma gelêa d'apparencia organica, a qual, segundo elle, era o primeiro estadio da passagem do reino mineral para o mundo biologico.

Mas a tal gelêa, arrancada do fundo do mar pelas sondas do navio *Chalenger*, não passava d'um vulgar precipitado gelatinoso de sulphato de calcio, inquinado de substancias organicas como o proprio Huxley, grande partidario de Haeckel, verificou, observando esse precipitado em soluto concentrado de alcool, apesar de levemente o ter baptisado com o pomposo nome de *Bathybius Haeckeli*, vida do abysmo de Haeckel.

E assim voltou para o dominio da phantasia o celebre embrião universal, d'aquelle que se quer suppôr descendente do venerando *Amphioxus*, animal que, nas modernas classificações zoologicas, occupa um logar intermediario entre os molluscos e os vertebrados, d'aquelle que se diz neto dos quadrumanos.

Existe ainda uma outra cerebrina ideia na sciencia atheista. E' a ancia com que procuram o supposto intermediario entre o homem e o macaco. Não obstante ainda ninguem ter descoberto tal *bicho*, Haeckel e outros descrevem-no gravemente com toda a minucia, baptisando-o com os hybridos nomes de *pythecus-anthropus* e de *anthropo-pythecus*, conforme elles o pintam mais *pythecus*, ou com uma phisionomia mais d'homem.

E assim se faz sciencia . . .

Referindo-se, os nossos pseudos-sabios, ás raças antediluvianas de Cro-Magnon, de Neanderthal e de Naulette, á problematica existencia de o homem terciario, fazem-no com o reservado intuito de desacatar o ensino da Igreja e de desauthorisar os Livros Santos.

Com relação á pretendida evolução da linguagem, ainda os factos não são de molde a corroboral-a.

O *homo alalus* é um mytho, a sequencia de homens que dão gritos até attingir a cathogoria do *homo sapiens* de Linneu, é uma lenda, a firmacão de que houve primeiro linguas monosyllabicas, para em seguida attingirem a phase mais perfeita de polysyllabicas, agglutinantes e de flexão, é um idealismo.

A historia, dando a mão á philologia, diz-nos que o homem nasceu civilisado, portanto, fallou. Depois decahiu.

A interpretação dos hieroglyphos egypcios de que, pela vez primeira, nos deu a decifração Champolion, corrobora os Sagrados Textos, bem como os confirmam todas as descobertas posteriores dos caracteres cuneiformes assyrios, feitas pelos orientalistas modernos.

Em 1896, publicou-se um livro sobre ethnologia, devido á insuspeita penna de Kean, sabio professor de medicina da Universidade de Oxford, onde se mostra que o velho idioma chinez, que sempre passou por monosyllabico, a primitiva lingua do Celeste Imperio era polysyllabica com affinidades com o velho Babylonicou ou Assyrio, a lingua mais antiga que se conhece.

Logo é facil tirar a conclusão sobre a pretendida evolução da linguagem.

Cumpre, pois, á M cidade Catholica estudiosa, cooperar na grandiosa obra dos Pontifices, para a realisacão do grandioso ideal de todos os successores de Pedro, em especial, promover a restauracão da sciencia em Christo.

Trabalhemos, em união com as intenções S. S. Pio X, em cuja honra se celebra esta luzidissima academia.

Disse um Academico illustre—Brunetière, que a Sciencia tinha feito bancarrota.

Não. A Sciencia não fez nem pôde fazer bancarrota. Quem abriu fallencia em toda a linha foram os pseudo-sabios, foi a sciencia atheista. Esta e aquelles sim.

A Sciencia, a verdadeira Sciencia, nunca pôde fallir, porque na propria expressão das Sagradas Paginas—*o Senhor é o Deus das Sciencias*.

Não temamos que a Sciencia filha das rectas locubrações da razão humana collida com a Sciencia Revelada, de que é depositaria a Igreja, porque são ambas filhas do mesmo Auctor.

Não receemos o avanço da sciencia, porque ella ha de vir corroborar brilhantemente os ensinamentos da Fé, á medida que dilata os ambitos do seu horisonte.

Tenhamos por guia as sabias palavras do eminente physico americano Zahm, da Universidade do Estado da Indiana da Republica d'America do Norte: «A sciencia, diz o illustre professor, é auxiliar da Religião; unem-se por



laços impossíveis de quebrar. A Religião pôde prescindir da Sciencia; mas esta não póle progredir sem ella, nem póde desconhecê-la.

E' só sob a vigilante e maternal tutela da Religião de nossos maiores; sob o alto patrocínio da Igreja Catholica que a sciencia encontra um estimulante effizoz, uma causa excitadora, a qual, favorecendo o seu desenvolvimento continuo, lhe preparará gloriosos triumphos, aos quaes ella está destinada.»

E quando deixarmos este exilio, seguindo os preceitos da Igreja, as nevoas se dissiparão e brilhará, ante nossos olhos, com esplendente fulgor, a *Verdade, a Belleza, e o Bem*, n'Aquella que os concentra em grau Summo-Deus.

(Trecho do discurso proferido pelo 1.º vice-presidente da Associação da Mocidade Catholica, Dr. Antonio J. d'Almeida G. e Lemos Ferreira, na Academia Solemne, realisada na noite de 26 de março ultimo em honra de Sua Santidade Pio X)



## As nossas gravuras

### Mosteiro dos Jeronymos

E' o pantheon das glorias nacionais, e onde existem as cinzas que se atribuem a Vasco da Gama e a Luiz de Camões.

Este grandioso monumento, um dos mais grandiosos da Europa, está situado em B-lem, na praça de D. Vasco da Gama, e foi edificado por el rei D. Manoel.

Esta verdadeira joia nacional sobressahe pela sua colossal dimensão e architectura exterior, sendo interiormente um rico e bello exemplar do mais puro gosto gothico, devido em parte ao architecto João de Castilho: as columnas da nave e o frontal são dignas de admirar-se pelo rendilhado, lavôres e gesto artistico do desenho.

A capella mór tem pinturas de Capello e um bello quadro de Diaz—*Jesus coroado de espinhos*; o sacrario, trabalho notavel em relevo, representando os magos, attribue-se a D. Josepha de Obidos; detraz do altar-mór existem os caixões com os restos mortaes de alguns monarchas. A' direita da capella-mór vê-se um S. Jeronymo de porcellana, dadiua do Papa Leão X. Nas capellas lateraes existem mais tumulos de pessoas reaes.

Debaixo do côro ha duas capellas, a do baptisterio e outra onde está uma imagem de S. Leonardo, presente de Leão X e D. Manoel. A sacristia é ornada com quadros da vida de S. Jeronymo, e os armarios que a guarnecem são de subido valor, encerrando preciosidades. O côro é ornado com quadros representando os Apostolos; os assentes são de uma esculptura admiravel sobre madeira.

### Cathedral de Otranto

Otranto é uma cidade da Italia na provincia da Terra d'Otranto, no antigo reino das Duas Sicilias. Tem de população 2.000 habitantes. E' arcebispado, praça de guerra, pequeno porto, e commercia em trigo, fructas, cavallos e azeite.

Esta cidade, antigamente muito florescente, contava ainda 20.000 almas em 1460, quando foi tomada pelos turcos que assassinaram 12.000 habitantes. Affonso, neto de Fernando de Aragão, retomou-a pouco tempo depois. Tem de notavel as ruinas de um castello construido por Affonso, a cathedral que damos em gravura, e os restos de antigas fortificações. Em 1810 Napoleão deu a Fouché o titulo de duque de Otranto.



## Secção poetica

### Invenções

Eu pasmo diante do saber humano  
Que tudo explica sem errar temer,  
E dos inventos que nos veem trazer  
O testemunho de um labor insano!

D'esses inventos em que, sem engano,  
Ao graphophone nenhum outro iguala;  
Depois aquel que ao mundo inteiro falla,  
E que — qual raio — iria até Urano!...

Sim, pasmo ao vêr essa sciencia infinda  
Que tudo opera, e que a cubiga amplia  
Do grato Eureka que a ambição anseia:

Mas quanto mais eu pasmava ainda  
Se essa sciencia conseguisse um dia  
Formar do — nada — um simples grão d'areia!

ALVES D'ALMEIDA.



## Boletim scientifico

### O ar liquido

Era em um jantar de amigos. Entre os convivas encontrava-se M. d'Arsonval, o eminente professor do Collegio de França. Ao *dessert* tirou do seu bolso um frasco, e propoz aos convivas deitar nas taças de *champagne* algumas gottas d'um licor esbranquiçado, atirando levemente para azul, que estava dentro do dito frasco.

Immediatamente o *champagne* encheu-se de espuma, como nenhum outro.

Nos outros copos o vinho gelou subitamente. Os convivas, a pedido do seu amigo, absorvem um pouco d'essa mistura, e logo sentem, com uma surpresa quasi de inquietação, o seu estomago inchar, distender-se, dilatar-se. Que conteria o mysterioso frasco?

Continha ar, um pouco d'este ar que nos cerca, que respiramos, e que se conseguiu tornar liquido.

Esta metamorphose é já de si mesma bastante curiosa. Mas, além d'isso, dá logar ás experiencias mais surprehendedentes, e poderá no futuro prestar-se a applicações numerosas e cheias das mais bellas promessas.

A divisão dos corpos em solidos, liquidose gazozos não é mais que uma apparencia. O gelo é solido: aquecei-o e tereis agua; aquecei-o ainda mais e tereis vapor. Inversamente, sob a influencia do frio, o vapor converte-se em agua, e a agua torna-se gelo. E' uma questão de temperatura.

Foi Cailletet o primeiro que teve a ideia de ir buscar aos proprios gazes o frio necessario para os liquefazer.

A compressão d'um gaz produz calor; pelo contrario a sua descompressão produz frio.

Tal é, portanto, o principio sobre que repousa o methodo para liquefazer o ar. A machina de M. Linde emprega apenas, como unico refrigerante, o proprio ar. Tudo o seu mechanismo reduz-se a um corpo de bomba que comprime este ar, e uma serpentina onde elle se descomprime de modo continuo pela manobra d'uma simples torneira. Produz-se assim um abaixamento de temperatura consideravel e interrompido, até se attingir 191 graus abaixo de zero; então o ar liquido corre continuamente para um reservatorio disposto para o recolher. As machinas empre-

gadas na industria permittem obter até 15 litros por hora.

Uma vez obtido o ar liquido, como se póle conservar-o? Se o vaso que o contém estiver em contacto com o ar ambiente, voltaria immediatamente ao estado gazoso; se este vaso estiver fechado, aquecendo-se pouco a pouco as suas paredes ao contacto da atmosphera, a temperatura do ar liquido elevar-se-hia. O ar liquido retomaria o seu estado gazoso, e como, sob esta fórma, elle occupa um volume 800 vezes mais consideravel que no estado liquido, produzir-se-hia uma explosão formidavel.

Foi M. d'Arscnval que encontrou o meio de conservar o ar liquido.

Deita-o em vasos abertos, formados de dois involucros entre os quaes se fez o vacuo; assim o reaquecimento do gaz só se faz muito lentamente e pela camada superficial do liquido que se encontra em contacto com a atmosphera; são precisas 10 a 12 horas para que 12 litros d'ar liquido se evaporem completamente.

No momento em que é recolhido, o ar liquido tem um aspecto turvo e leitoso, porque encerra tenues particulas solidas de acido carbonico e gelo; filtrando-o por papel, desembaraça-se d'estas impurezas, e elle apparece então limpido, d'uma côr levemente azulada.

Algumas experiencias vão-nos mostrar as propriedades maravilhosas do ar liquido. Estas propriedades deduzem-se dos proprios meios que se empregam para liquefazer o ar.

Para liquefazer o ar foi preciso pôr em jogo forças de centenas de kilogrammas. Esta força, o ar nel-a restituirá quando passar do estado liquido ao estado gazoso. O ar liquido é, pois, um explosivo que excede em potencia todos os explosivos conhecidos.

(Conclue)

Dr. \* \* \*



## Retrospecto da Quinzena

Ha quatro especies de jejum: *natural, moral, espirital, e penal*. O *natural* consiste em não comer, nem beber absolutamente nada desde a meia noite em diante: a este jejum estão obrigados os que hão de commungar. O *moral* em não comer, nem beber senão o indispensavel á conservação da saude do corpo e espirito: a esta estão todos os humanos obrigados. O *espirital* em se abster de peccar: e este obriga ainda mais de perto a todos os homens. O *penal* em se abster de certos generos de alimentos para mortificar o appetite, ou se privar de comer por certo tempo, para castigar a carne, e para ter o espirito prompto para a oração e mais exercicios de piedade: este devem guardar em geral todos os homens. S. Paulo castigava o seu corpo para o sugear e David por não o ter sugeito.

A Conferencia dos jornalistas e escriptores catholicos de Portugal realisar-se-ha em Lisboa nos dias 27, 28 e 29 do presente mez de abril.

São conferentes todos os proprietarios, redactores, administradores e collaboradores habituaes dos jornaes catholicos que adherirem a esta Conferencia até ao dia 10 do presente mez de abril.

No dia 27 de manhã, e á hora que fôr opportunamente designada, todos os Conferentes assistirão a uma missa, para que Deus se digue esclarecel-os e tornar proficuos os trabalhos da Conferencia.

A Conferencia terá duas sessões por dia: uma de manhã e outra de tarde.

A sessão de abertura e a de encerramento serão sollemnes, e para ellas serão convidados Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarcha, e Suas Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> os Srs. Nuncio Apostolico, Arcebispo de Mytilene, Bispo de Trajanopolis e demais Prelados que n'essa occasião se encontrem em Lisboa, e bem assim as pessoas mais em evidencia no movimento catholico.

As sessões de trabalho são exclusivamente reservadas aos conferentes.

Os assumptos a discutir nas sessões de trabalho são os seguintes:

1.<sup>o</sup>—O pessoal do jornal catholico: modo do seu recrutamento e sua educação profissional.

Relator: P. Santos Abranches e P. Pinto Abreu.

2.<sup>o</sup>—O jornal catholico nas suas relações com os outros jornaes:

a) com o jornal catholico; b) com o jornal anti-catholico ou indifferente.

Relatores: Dr. Antonio Manoel Pereira Ribeiro e Julio Monzó.

3.<sup>o</sup>—Orientação, criterio e fins a que deve subordinar-se a propaganda catholica pela imprensa. Qual a função propria da imprensa catholica.

Relatores: Manuel Fructuoso da Fonseca e Dr. Mendes Lages.

4.<sup>o</sup>—A parte noticiosa do jornal: modo de satisfazer a curiosidade dos leitores e de tornar o noticiario um instrumento de educação christã.

Relatores: Dr. Almeida Silvano e Dr. Abundio da Silva.

5.<sup>o</sup>—A diffusão do jornal catholico: adaptação a Portugal da obra do Conego Triller. A liga da imprensa catholica.

Relatores: Padre Pinto Abreu e Conego Miguel Ferreira d'Almeida.

6.<sup>o</sup>—A leitura dos maus jornaes. Meios conducentes a evitar que os catholicos leiam, comprem, assignem, ou por qualquer fórma favoreçam os jornaes não catholicos.

Relatores: Padre Benevenuto de Sousa e Julio Monzó.

7.<sup>o</sup>—Diffusão da leitura das obras scientificas orthodoxas: meios de fazer ler e consultar os livros de auctores catholicos sobre os diversos ramos do saber, especialmente sobre sociologia, economia, historia, moral e medicina.

Relatores: Padre Guimarães e Dr. A. Bivar (Diogenes).

8.<sup>o</sup>—Quaes os assumptos que na actual momento devem occupar a attenção de todos os jornaes catholicos. Campanhas a iniciar em toda a imprensa religiosa do paiz: modo de fazer cada uma d'essas campanhas.

Relatores: Conego Miguel Ferreira d'Almeida e Dr. M. Lages.

9.<sup>o</sup>—A divisão do trabalho e a especialização de função no jornalismo catholico: o jornal noticioso e de combate, a revista scientifica, o jornal tecnico, o jornal para a juventude e para as crianças, a revista mystica e de devoção, o jornal operario, etc. Meios de aperfeiçoar e tornar mais intensa a acção dos existentes e criação dos que ainda não existem entre nós.

Relatores: Dr. Pinto Coelho e Padre Abranches.

10.<sup>o</sup>—A obra das Conferencias (projecções luminosas) estabelecida em França pela *Bonne Presse* e da particular predilecção do SS. Padre Pio X; modo de a estabelecer em Portugal.

Relatores: P. Vasconcellos (Mariotte) e Dr. Abundio da Silva.

11.<sup>o</sup>—O movimento catholico em Portugal e o movimento catholico no Brazil: modo de os conjugar.

Relator: Fernando de Souza.

Estes assumptos serão opportunamente distribuidos pelas diversas sessões da Conferencia.

A primeira meia hora de cada sessão de trabalho será destinada á livre apresentação de propostas ou pareceres estranhos aos pontos ennumerados acima. Sobre elles se fará immediata votação.

A votação de cada um dos votos ou conclusões da Conferencia será sempre nominal.

Nenhum jornal poderá fazer-se representar por pessoa que não seja redactor, administrador ou collaborador habitual de algum jornal catholico.

Julio Verne, o bem conhecido romancista scientifico, falleceu ha dias, como se sabe.

Ouçamos o que, sobre os seus ultimos momentos, diz a *Cronique Picarde*:

«Elle vivia retirado, rodeado dos cuidados d'uma esposa affectuosa e orgulhosa d'elle. Sentia a velhice realizar dia a dia a sua obra e fallava do seu fim sem amarguras. Quando a morte se lhe annunciou proxima, pediu um Padre, manifestando admiravelmente sentimentos religiosos que sempre tinha conservado vivazes na sua alma de bretão.

«Em remelhante occorrença, tinha querido assegurar a mais d'um amigo os soccorros da religião. Deus recompensou-o, fazendo-lhe a mesma graça».

Já se deu principio, aqui no Porto, ao systema de conferencias acompanhadas de projecções luminosas, a lanterna magica, iniciado em França pela liga da *Bonne Presse*, e que mereceu a predilecção especial de S. Santidade Pio X.

Tem sido feitas no amplo salão da Associação Catholica, e hão versado sobre Lourdes, Meliapôr, Roma e Palestina, sendo conferentes S. Ex.<sup>a</sup> Rav.<sup>ma</sup> D. Theotonio Bispo de Meliapôr, Conde de Samodães, Dr. Cogaya, Dr. Correia da Silva e Dr. Antonio Joaquim Pereira.

Têm sido muito concorridas, pois que despertam summo interesse.

Irmã mais velha da Czarina, a Gran-Duqueza Izabel da Russia, foi a companheira e hoje é a viuva do Gran-Duque Sergio, cujos membros espalhados por uma bomba ella foi juntar ao pé do Kremlin, em Moscow. A' noticia do attentado correu do palacio e veiu ajoelhar se no solo diante dos restos ensanguentados do seu marido.

Depois de ter prestado os ultimos deveres áquelle que ella pranteava, lembra-se que outro homem tinha cahido victima do mesmo attentado: o cocheiro da carruagem do Gran-Duque. Foi assentar-se ao pé do leito, recolheu o seu ultimo suspiro e com suprema consolação deu-lhe a certeza de que seria protectora da sua esposa e filhos, com elles acompanhou ainda ao cemiterio o cadaver do infeliz creado.

Mais. O assassino estava na prisão, orgulhoso com o seu crime, esperando a hora de se gloriar d'elle insolentemente diante dos juizes...

A viuva coberta de lucto obteve permissão para o visitar no calabouço e de ficar a sós com ella. Ella que toda a vida não desejou senão fazer bem, não comprehendia o odio d'este homem. Elle cerra os punhos ao vê-la entrar.

Com a pallidez no rosto, a passos lentos, mas compassiva, enquanto o assassino permanecia mudo, perguntou-lhe ella porque tinha feito aquillo? Com que fim? Quem poderia aproveitar com o seu crime horroroso? Se não

tinha porventura mãe, irmãs, mulher e filhos, para que ao pensar n'elles detivesse o braço criminoso? Se não experimentava nenhum remorso? De repente enquanto ella assim fallava com a voz lastimosa, o assassino rompe a chorar, ajoelha-se-lhe aos pés e beija-lhe a orla do vestido. Ella teve a coragem de o levantar e perdoar-lhe.

Depois de voltar para casa, na solidão occorreu-lhe como a morte a tornava herdeira. Com a dôr na alma, Izabel Feodorowna resolveu repartir a sua fortuna e fez constar que durante 40 dias sustentaria os 45:000 pobres de Mosc. w.

Exemplo sublime de mulher!

Falleceu ultimamente, em Lisboa, o nobre Conde da Redinha, chefe do partido legitimista portuguez, e muito considerado pelo sr. D. Miguel de Bragança, que o tinha escolhido para padrinho d'uma sua filha.

Era um dos representantes da antiga fidalguia portugueza. Dotado dos mais nobres sentimentos civicos e religiosos, morreu como um verdadeiro catholico.

Que Deus acolha em seu seio a alma do extinto titular.

O nosso presado collega *Correio da Tarde*, do Funchal transcreveu, em lugar de henra, o nosso «Boletim Scientifico: A influenza.»

Agradecemos sinceramente:

*Licções de Catecismo*. Novo methodo de catechese, por Um Parocho, com a approvação da auctoridade ecclesiastica. E' um precioso livrinho para o fim a que se destina. Recommendamo-l-o instantemente. Custa 250 reis.

### Amigos do «Progresso Catholico»

P. Expectação Barreto (India) . . . . .	1
P. Mancel Antonio Junior . . . . .	1
José Soares d'Alveira . . . . .	1
P. Antonio de Barros . . . . .	1
P. Jacintho d'Almeida Motta . . . . .	1

A estes nossos amigos muitos agradecimentos.

### EXPEDIENTE

Por estes dias vamos mandar para o correio os saques das assignaturas em divida. Pedimos, pois, aos nossos estimaveis assignantes que assim o não queiram, a fineza de nos participarem quanto antes.

## ANNUNCIOS

### Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio Barros Bispo do Porto

Preço . . . . . 100

Conde de Samodães

# O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO À

Santissima Virgem Mãe de Deus

NOVO MANUAL

Para os exercicios de devoção n'este mez, com a collaboração poetica

DE

ANTONIO MOREIRA BELLO

Com permissão e approvação do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Porto.

Preço . . . 400 réis

# VIDA

DO

## GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço . . . 500 réis

## IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada

com notas por

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

**Preços:**

Em percalina . . . . .	300 réis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 »
Em chagrin, douradas . . . . .	15000 »

## FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ

OU

QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas Sanctos Padres e Douctores da Igreja e outros eminentes auctores

E

Coordenada por A. L. F.

Preço, 200 réis

## MEDITAÇÕES

P. RA

# O MEZ DE MAIO

PELO

PADRE AFFONSO MUZZARELLI

DA COMPANHIA DE JESUS

Com Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias

E tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Liguorio e de outros bons auctores

Com permissão do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Ssr. Cardeal D. AMERICO, Bispo do Porto

**Preço, brochado, 160 réis;**

**encadernado, 160 réis.**

Pedidos á typographia catholica de José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—Porto.

# A ALMA

NO

## CALVARIO

CONSIDERANDO

Os soffrimentos de Jesus Christo e achando ar pé da Cruz a consolução para as suas penas

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Um volume de perto de 400 pag. . . . 300 réis

Encadernado . . . . . 500 »

A' venda na Livraria de Antonio José Fernandes—44, Largo dos Loyos, 45—e na Typographia Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de rêda e ouro, lisos e lavrados paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsc; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.